CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ROB ROMBOUT, A *MISE EN SCÈNE* DO REAL
23 de setembro de 2025

ZOO / 1962

Um filme de BERT HAANSTRA

Realização, argumento e montagem: Bert Haanstra / *Direção de fotografia*: Fred Tammes / *Música*: Pim Jacobs / *Produção*: Bert Haanstra Films BV / *Cópia*: em DCP (suporte original em 35mm), preto e branco, sem diálogos / *Duração*: 11 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*: 14 de outubro de 2003, Cinema Holandês e Belga.

ENTRE DEUX TOURS / 1987

Um filme de ROB ROMBOUT

Realização e argumento: Rob Rombout (grafado R. Rombout) / *Monólogo*: Christian Janssens / *Direção de fotografia*: Kommer Kleijn / *Assistente de câmara*: C. Renson / *Captação de som e misturas*: Fabio Lani / *Eletricista*: W. Paquay / *Maquinista*: A. Roemers / *Anotação e assistência de realização*: N. Curto / *Montagem*: Adriana Moreira de Oliveira / *Maquilhagem*: T. Vanderbenden / *Pesquisa de arquivos*: B. Schmitt / *Música*: Excuse My French / *Com*: Jessica Elmido, Robert Garcet, E.C.W. Friser, Sirca (a águia) / *Voz (narração)*: T. Le Thu.

Produção: RTBF - Radio Télévision Belge Francophone /Lumière Bleue, WIP - Wallonie Image Production., G.S.A.R.A., Rob Rombout, Image Vidéo (Bélgica, 1987) / Direção de produção: F. Luchen / Produção executiva: Danny Trossat / *Cópia*: DCP (a partir de transcrição e remasterização de suporte vídeo), colorida, falada em francês e inglês, legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração*: 16 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*.

LES AÇORES DE MADREDEUS / 1995

Um filme de ROB ROMBOUT

Realização e argumento: Rob Rombout / Direção de fotografia: Jean-Paul Dezaytijd / Conceção sonora e captação de som: Paul Heymans / Misturas: Jean-François Gosselin / Montagem: Adriana Moreira de Oliveira / Assistências de realização: Olga Baillif / Madredeus (1995): Teresa Salgueiro (voz), Pedro Ayres Magalhães (guitarra, composição), Francisco Ribeiro (violoncelista, voz), Gabriel Gomes (acordeão), José Peixoto (guitarra), Carlos Maria Trindade (teclas) / Músicas: *As Ilhas dos Açores* (instrumental), *Silêncio, Pregão*, *A vaca de fogo*, *Maio Maduro Maio*, *Ao longe e mar, Culpa.*

Produção: Morgane Production, Mona Lisa Films, União Lisboa, France Supervision (Bélgica, França, Portugal, 1995), em coprodução com RTBF - Radio Télévision Belge Francophone Service Musique-Danse e o apoio de Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal, ICEP, TAP, F.A.S., CNC / *Coprodutores*: Benoît Jacques de Dixmude, Roch Bosquée / *Produtores executivos*: Pierre Paul Puljiz, Thierry Dory / *Cópia*: DCP (a partir de transcrição e remasterização de suporte vídeo), colorida, falada em português e francês, legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração*: 41 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*.

A sessão contará com a presença do realizador, Rob Rombout, e de membros da banda Madredeus.

ZOO

Como outro grande nome do cinema holandês, Joris Ivens, Bert Haanstra (1916-97) é um documentarista, mas ao contrário do grande internacionalista que foi Ivens, Haanstra estava solidamente atado à Holanda, apesar de ter filmado em muitos países, e nunca praticou um cinema militante, *engagé*. Trata-se antes de um realizador interessado pelos temas mais variados, como este filme prova, sempre atento à articulação visual dos seus filmes, alguém que sempre soube que um documentarista não se pode contentar com o "tema" que filma. Prolongando a bela e velha tradição do documentário do período mudo, Haanstra também é um esteta, que busca rimas visuais, *raccords*, oposições, um cineasta não formalista, mas que joga com as formas e pensa-as. Filmado com uma "câmara indiscreta", com o realizador emboscado ou escondido, **Zoo** deve ter sido um dos seus filmes a ter mais êxito junto ao público, pelo seu carácter extremamente lúdico, de fácil apreensão. Mais uma vez, no tardio 1962, Haanstra mostra que nunca se afastou por completo da linguagem do cinema mudo, num constante jogo de *raccords*, na sobreposição de rostos humanos e focinhos de animais, numa sátira sem maldade. Como num jogo de espelhos (outro "espelho da Holanda" e de qualquer país) vemos os que vêem e os que são vistos, os dois lados do espelho de um jardim zoológico. A simplicidade do cinema de Bert Haanstra é apenas aparente e as suas curtas-metragens são tanto mais preciosas que o género que ilustram deixou de existir.

Antonio Rodrigues

ENTRE DEUX TOURS e LES AÇORES DE MADREDEUS

A escolha de Rob Rombout em emparelhar dois dos seus filmes com um filme do seu conterrâneo Bert Haanstra não é, de todo, inocente. O cinema de Rombout participa do mesmo espírito (e partilha o mesmo método) de Haanstra: um gosto

lúdico pela montagem de cinema, um trabalho sobre o pitoresco, a mesma disposição ao encontro e à descoberta, um fascínio pelas particularidades das pessoas, das suas relações entre si e com o seu entorno. Daí que, ver **Entre deux tours** logo após **Zoo** venha sublinhar a qualidade recreativa e formal(ista) do cinema de Rombout.

É certo que **Entre deux tours** aborda "temas sérios" como a Guerra Fria, os sistemas antiaéreos das Forças Aliadas Europeias e a cooperação dos países da NATO, no entanto a abordagem é tudo menos institucional. Logo no primeiro plano percebe-se o apetite pela *bricolage* possibilitada pelos desenvolvimentos do vídeo (o filme constrói-se menos por justaposições – como o filme de Haanstra, ainda devedor do cinema mudo – e mais por sobreposições). Rombout faz conviver, no mesmo plano, aquilo que é distante: de uma banda uma torre de radar, do outro uma águia esculpida em pedra. Logo aí fica claro o jogo de oposições: a tecnologia de ponta contra a ornamento de ar medieval, o inumano contra a representação animal, a vigilância do estado contra a contemplação simbólica da natureza.

De facto, o filme faz-se a partir de uma coincidência. Dos dois lados da fronteira entre a Bélgica e os Países Baixos (as duas "pátrias" de Rob Rombout – a terceira será Portugal) encontram-se, a algumas centenas de metros, duas torres muito diferentes: uma foi construída em 1948 e tem como função fazer a vigilância dos espaços aéreos da região, a outra foi edificada por um homem só, o Sr. Garcet, à imagem e semelhança dos castelos pré-românicos como símbolo místico de um pacifismo humanista. O filme explora esta coincidência geográfica e os choques entre estas duas estruturas, mas também entre os dois homens que as representam: de uma banda um alto funcionário militar da NATO, com o discurso formatado pela diplomacia belicista, do outro, um senhor idoso, tão lírico quanto *naïf*. "Entre as duas torres", fazendo a ponte formal e narrativa, surge uma terceira figura – identificada com uma ave, aquela que atravessa fronteiras sem se preocupar – uma mulher de traços asiáticos que surge como o "anjo da história" *benjaminiano* que avança num sentido observando, através do espelho retrovisor, a sua retaguarda (literalizada por imagens de arquivo da Segunda Guerra Mundial). "Palavras de vento, discurso de areia", diz-nos ela, através dos seus aforismos. A sua presença é a inscrição do próprio estilo de Rombout no filme, a afirmação de uma dramaturgia produzida pela justaposição/sobreposição. O cinema documental de Rombout é ostensivamente encenado e neste filme isso é evidente pelos jogos de montagem, pela composição dos quadros e pela própria figura desta enigmática mulher, símbolo – cristalização! – do próprio gesto cinematográfico.

Deste modo, é mais fácil compreender um objeto como **Les Açores de Madredeus**. Rob Rombout conheceu a banda portuguesa quando estes deram um concerto em Bruxelas (cidade onde vivia e trabalhava). Aproximou-se do grupo e, em conversa, foi desafiado por Pedro Ayres Magalhães a acompanhá-los na sua "*tour* ibérica". A ideia do músico era que realizador filmasse as suas viagens, de cidade em cidade, de sala em sala, registando não só os concertos como a própria *tournée*, o ambiente do grupo – que, como afirmou o realizador, "eles faziam música de inspiração tradicional, mas comportavam-se como uma banda *rock*". A resposta de Rob Rombout foi diametralmente oposta: *e se formos uns dias para os Açores, sem nenhuma outra obrigação, e simplesmente filmarmos algumas das vossas canções na relação com a paisagem*? Assim, isolados das suas obrigações profissionais e circunscritos pela insularidade, a banda (na sua segunda fase, já sem Rodrigo Leão, mas com Carlos Maria Trindade) ficou à disposição do realizador para as suas composições, entre o "pictural" e o "pitoresco".

O filme constrói-se em duas linhas narrativas: numa, as conversas em *off* com os músicos (Teresa Salgueiro e Pedro Ayres Magalhães em primeiro plano) e as suas deambulações e conversas pela ilha, noutra, a suspensão imposta pelas canções, filmadas como quadros a óleo (segundo a característica encenação do cinema de Rob Rombout: o gosto pela profundida de campo e o seu recurso a objetivas de grande angular que deformam e expandem a o espaço). Estes dois elementos são complementares. As conversas servem como contraponto analítico para aquilo que é, depois, a prática artística, filmada com uma solenidade postal. A *durée* e a composição visual resultam, também, de uma vontade de contrariar a aceleração típica dos telediscos MTV que dominavam os filmes-canções dos anos 1990. Rombout filma as canções dos Madredeus com um certo cerimonial pagão, entendo a voz de Salgueiro, a letras e as canções, mas também os corpos dos músicos e a própria monumentalidade da paisagem como diferentes valências de um mesmo fluxo telúrico. Daí que, frequentemente, os músicos se "evaporem" na paisagem através de fundidos encadeados. A sua presença espectraliza-se naquele lugar, algo que é reforçado pelo mito da Muralha das Sete Cidades e do afundamento da Atlântida – mito que "abre" o filme à fantasia. Só que Rombout não se fica por esses eflúvios, e preocupa-se em inscrever todo o filme na própria tradição material do arquipélago, incluindo para isso imagens de cariz mais etnográfico (e filmadas à mão), com as festas e as procissões locais. É deste choque que se faz **Les Açores de Madredeus**, um jogo que sendo muito próprio do cinema de Rob Rombout encontra um reflexo na "dimensão pictórica" da música dos próprios Madredeus, uma vez que, como explica Teresa Salgueiro, "há uma cor e uma ambiência para cada música". Rob Rombout procurou transformar em imagens essa cor e essa ambiência. O resultado é, portanto, não um filme *sobre* um grupo ou *sobre* a sua música, mas de um filme feito *para* um grupo e *para* a sua música. Essa entrega – do realizador à banda e da banda ao realizador – está patente na singularidade deste estranho objeto, algures entre um filme-canção altamente encenado e um documentário estilizado pela vastidão da paisagem.

Ricardo Vieira Lisboa